

Os cuidados na alimentação das crianças Kaiowá na Terra Indígena de Panambizinho¹

Leide da Silva Pedro²

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v22i47.837>

Resumo: Este texto apresenta a formação do conhecimento do alimento tradicional kaiowa, que é fruto da herança deixada por nossos anciões. Para algumas famílias este conhecimento é ainda muito usado, de forma que muitas famílias continuam mantendo essa cultura do conhecimento tradicional, do costume e do modo de alimentar seus filhos com seu alimento cultural. Por outro lado, esses conhecimentos muitas vezes já foram afetados em alguma família, onde não querem mais usar esse conhecimento. Assim, esse trabalho buscou valorizar essa herança e riqueza de conhecimento e do costume que ainda está muito ativo em algumas famílias do guarani e kaiowa.

Palavras-chave: alimentação; crianças; Kaiowá; TI Panambizinho; transformações.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Caminhos da pesquisa

Este estudo e reflexões se deram no interior da minha família, na Terra Indígena Panambizinho. Esta terra indígena já foi bastante estudada por muitos autores como por exemplo: Joana Fernandes, Zelia Ferreira, Kátia Vietta, Graciela Chamorro e Neli Aparecida Maciel.

Sobre a História de Panambizinho, assim expressou Maciel (2012, p. 132)

Houve resistência dos Kaiowá na efetivação dessa mudança para a reserva, devido aos fortes vínculos socioculturais que possuíam com aquele território, inclusive a existência de um cemitério no local. Ganharam o direito

¹ Este texto é uma adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Indígena na área de Ciências Humanas, como parte do requisito para obtenção do título de graduação em Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu sob orientação da profa. Dra. Rosa Sebastiana Colman, Universidade Federal Da Grande Dourados/UFGD, Faculdade Intercultural Indígena/FAIND Área: Ciências Humanas- Turma: 2015.

² Universidade Federal Da Grande Dourados/UFGD, Faculdade Intercultural Indígena/FAIND Área: Ciências Humanas, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.

de também possuir lotes como os colonos, quase todos os lotes ganhos pelos indígenas foram aos poucos, através de pressões dos colonos, sendo vendidos a eles. Os lotes 8 e 10 da quadra 21 (fig. 1) foram doados a Pa'i Chiquito e Martins Capilé, seu filho. Estes resistiram às pressões para venda desses lotes e, assim, a Terra Indígena Panambizinho ficou instalada neste local. Uma grande maioria dos Kaiowá passou a morar na casa grande de Pa'i Chiquito. Mas, depois em casas separadas.

Assim continua a autora:

As perseguições sempre rondaram Pa'i Chiquito, desde a pressão para a venda dos lotes até o Processo Judicial de Reivindicação de Posse movida por Mário Bagordache em 1985, alegando ser dono dos dois lotes. Pa'i Chiquito manteve-se firme na defesa do território conquistado pela CAND sem se retirar do local. Vê-se que ele foi o primeiro responsável pela luta em defesa das terras dos Kaiowá, tomando-o como exemplo os demais. Por mais de cinquenta anos, os Kaiowá permaneceram nesses dois lotes. E somente em 2005, conseguiram aumentar a área para 1.272 hectares; pretendendo, ainda, aumentarem o território. (MACIEL, 2012, p. 132).

Quando eu estava ainda na fase de elaboração do meu projeto de pesquisa tinha várias questões que eu, enquanto mulher mãe pesquisadora kaiowá, pensava em aprofundar: como ser mãe na aldeia? Como é ser mãe no tempo universidade do curso Teko Arandu? O que pensam os professores do curso Teko Arandu, a coordenação e a direção da Faind sobre as condições das acadêmicas mães? Tinha interesse nesses temas, principalmente no modo de luta e resistência das mães acadêmicas no curso de licenciatura intercultural indígena- Teko Arandu na UFGD.

Com o decorrer do tempo foram aparecendo outras questões relacionadas à alimentação das mulheres kaiowá durante a gestação das crianças, que me inspiraram em aprofundar nas questões relacionadas ao corpo da mulher kaiowá durante a gestação. Neste momento, surgiram estas questões: Qual o significado da gestação para as mulheres Kaiowá? Como se constitui o corpo da mulher gestante? Quando o bebê passa a existir na família Kaiowá? Como é a construção da alma da criança? Quem será o novo bebê que constituirá a família Kaiowá?

Me preocupava em sistematizar informações sobre os alimentos que devem ser consumidos pela mulher gestante, os alimentos proibidos, alimentos que devem ser consumidos, os homens e suas restrições, outras formas de cuidar do

corpo e da alma durante a gestação, os lugares que as mulheres e homens podem transitar na aldeia; Durante a gestação, quais são as atividades dos homens e das mulheres? Doenças que surgem por não seguir as “regras” de viver durante a gestação. Estas reflexões profundas guiaram a minha pesquisa e ainda pretendo seguir na busca por mais respostas futuramente.

Neste texto proponho refletir sobre os cuidados em torno da alimentação tradicional da criança kaiowá, as restrições alimentares, os rituais e as práticas que envolvem a alimentação da criança para ela crescer forte e saudável.

Para a realização do trabalho, conversei bastante com minha parentela, mas principalmente com a minha avó materna, dona Aparecida Mônica, de 83 anos. Minha avó criou muitos filhos e netos e tem muito conhecimento sobre o tema e estive várias vezes com ela conversando, preparando os alimentos e cozinhando junto com ela, levando os meus filhos para verem a vovó e desta forma ela ia me ensinando sobre os cuidados alimentares que devem ser realizados com as crianças de nosso povo e também sobre os nossos alimentos verdadeiros, que faz bem para nosso corpo e alma.

Figura 1 – Minha avó Aparecida Mônica durante a pesquisa para meu trabalho de conclusão de curso



Fonte: Foto da autora.

2 ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL DAS CRIANÇAS KAIOWÁ NA ALDEIA PANAMBIZINHO

Antigamente, as crianças acompanhavam os pais para a roça de casa, para poder aprender a plantar com seus pais e ter conhecimento dos alimentos que são produzidos na plantação deles e os pais explicavam como era a planta própria para consumir. Se tiver na roça banana que dá fruta dupla, não comia, jogava fora e ensinava qual a banana adequada para o nosso consumo.

Assim, eles ensinavam seus filhos a ter cuidado com os alimentos que muitas vezes são um perigo para serem consumidos. Isso era para que as crianças crescessem conhecendo cada detalhe dos alimentos, dos de roça e também os de água, como os peixes, porque muitas vezes as crianças acompanhavam suas mães e pais para pescar no rio ali. Durante a pescaria, iam ensinando qual era o peixe que o filho ou a filha podia consumir do que eles pescavam ou pegavam. Entre as diferenças era que, com todos os cuidados, os pais explicavam e ensinavam a ter conhecimento sobre os peixes, como qual peixe consumir, como prepará-lo, em qual período da vida pode ser consumido cada tipo de peixe e quais os perigos que eles poderiam provocar nas pessoas se fossem consumidos de modo errado. Assim era apresentado pelos pais e mães os conhecimentos alimentares para os filhos.

Desde o dia que a criança nasce, já inicia o seu ritual- para cuidado com o seu corpo e sua alma durante o decorrer da vida. Com a fase do crescimento esse ritual sempre caminha junto com a alimentação. Conforme cresce tem mais cuidados a serem realizados. As mães sempre têm seu cuidado com o alimento. Tem vários tipos de alimentos que não podem ser consumidos pela criança kaiowá e que devem ser ensinados pelas mães.

No início da alimentação das crianças as mães sempre fazem seu ritual, que é levar a comida para fazer *ohovasa* (abençoar). É preciso levar o alimento para o *Nhanderu* para ele fazer o ritual antes da criança consumir. Esse ritual geralmente se faz sobre as carnes, como a carne de vaca, porco e demais tipos de carne de animais. Esse ritual é importante para que a criança não tenha problemas no futuro. Por exemplo, o rezador deve fazer o *jehovasa* sobre a carne que a criança vai consumir, pois assim retira dela o que pode nos fazer mal, mas, também não é só a carne que não deve ser consumida antes de ser abençoada. Existem outros tipos de alimentação que precisa abençoar antes de ser consumido pela criança. Se não fizermos este ritual a criança pode desenvolver alguma doença, ou até mesmo alguns transtornos, como o pânico, alucinações, entre outras.

Figura 2 – Dona Roseli Conscianza Aquino e Cleide Perito Pedro na preparação da chicha



Fonte: Foto da autora.

Por isso que o nosso conhecimento é importante. Devemos fazer o *hovasa* no alimento que a criança vai comer, para que não aconteça esses problemas principalmente na fase de transição da vida infantil para a vida adulta, no período da primeira menstruação da menina ou do que seria a perfuração do lábio do menino, este último em desuso em nossa aldeia atualmente. Observamos que é muito comum acontecer esses tipos de doenças e transtornos ou desmaios (ataques). Por isso muitas vezes, antigamente, as mulheres – mães, consumiam seu alimento de forma saudável, como por exemplo, se faz a chicha, a pamonha, não se usa açúcar. Além disso, a preparação era diferente, se fazia sempre no fogão a lenha, com a lenha disponível em nosso território, o que hoje não é mais possível pois não há mato à disposição no entorno de nossas aldeias.

Nas primeiras alimentações sempre se oferece primeiramente a alimentação indígena para as crianças. Assim como também no caso de dar as frutas, isso tem que ser acompanhado do *Mba'égua*, uma planta que é muito utilizada

na cultura indígena. É uma planta que geralmente tem no cerrado. O *Mba'egua* se come com as frutas ou com a carne, assim a fruta ou carne não vai dar dor de barriga na pessoa.

Compreendemos que a comida indígena é muito mais saudável que as outras comidas. As que são oferecidas como alimentos que as mães ou pais plantam são cultivadas na própria terra, sem usar nada de produtos como agrotóxico. Muitas vezes as plantas que são saudáveis e muito consumidas entre nós são, por exemplo: mandioca, batata, abóbora, cana de açúcar, banana, feijão, mamão, milho, arroz, e muitas coisas que os pais ou mães plantam e que as crianças consomem em sua comida.

Figura 3 – Abóbora na roça kaiowa



Fonte: Foto da autora

Figura 4 – Mamão na roça kaiowa



Foto da autora.

Nós temos muita diversidade em nossos alimentos verdadeiros. Temos variados tipos de feijão, abóbora, milho, mandioca e cada espécie desta faz muito bem para nossos corpos. Por isso plantamos, assim, é possível ter mais comida em casa que são mais saudáveis, e claro, a pessoa dá mais importância para a comida que o pai sabe o que aquela comida causa em nós, pois é ele quem planta e conhece o que os filhos podem consumir, porque ele conhece e aprendeu com os seus antepassados. Quando as crianças comem outras comidas que não são as que os Kaiowa conhecem, já sabem que, às vezes, não é bom para a criança ou pode causar alguma coisa para os filhos.

Figura 5 – Minha filha Ana Sofia colhendo milho no pé e assando o milho no fogo de casa



Fonte: Foto da autora.

Por isso é importante saber qual alimento é mais saudável ou ainda qual é que não pode ser consumido pelas crianças. Antigamente os pais e mães eram mais cuidadosos com a alimentação dos filhos, pois havia mais condições ambientais e políticas para o exercício do nosso modo de vida tradicional. Isso ainda acontece em algumas famílias kaiowá. Algumas famílias usam muito esse conhecimento, outras famílias, infelizmente, não usam mais esse conhecimento, pois nos dias de hoje é muito desafiador viver do nosso jeito nesse mundo tão perto dos não indígenas. Por isso que muitas vezes as crianças ficam doentes devido a não poder se alimentar de forma adequada, com sua família. Isso não afeta apenas a criança, também, são afetados os pais ou mães, porque eles não conhecem como curar seu filho e sofrem junto com as crianças.

Algumas famílias, especialmente, as mais velhas da aldeia falam que quando esses problemas acontecem é porque, a comida, às vezes, a mãe não fez *rovasa*

(abençoar) na comida que a criança consumiu. Isso acontece, geralmente, porque as pessoas não acreditam mais no modo de ser tradicional ou no conhecimento do próprio indígena, por conta da influência do não indígena. A pessoa fala que o que é de antigamente já acabou. Mas, para nós indígenas nunca acaba, sempre tem esse ritual. É como uma maldição que muitos carregam, se não saber usar, as crianças são prejudicadas. É falta de cuidado, porque não é por falta de conhecimento, aqui todos sabem. Algumas pessoas não querem mais usar esse conhecimento. Esse conhecimento sempre foi cultivado e contado pelos nossos pais, avós e famílias.

Segundo minha avó, dona Aparecida, para ter alimento na família, eles precisam plantar na terra. Para isso, agora em algumas famílias, não plantam, por dificuldades, por falta da semente ou por falta de ajuda. Com isso, os filhos também acabam não tendo comida. Eles acabam procurando fora e eles comem sem conhecer as comidas que podem prejudicar a saúde, geralmente a comida do branco que está a disposição em nosso entorno.

Nem todas as crianças conhecem seu alimento, ou muitas vezes, até as próprias famílias indígenas não conhecem mais, porque são alimentos industrializados, que a gente não sabe o que é, sua procedência, ou o que tem dentro e como foi feito esse alimento. Por exemplo, batata frita a criança não pode comer, porque no futuro ela pode ter filho desnutrido, se for menina, ela não vai ter leite materno para amamentar os seus descendentes.

Outro exemplo é a batata doce que foi cozinhada no dia anterior, no dia seguinte a criança não pode mais consumir, porque ela sempre volta no mesmo lugar, onde ela mora, ou pode até morrer lá. Da mesma forma, a criança não pode comer rabada, porque a criança na fase de crescimento, pode sair de casa, nunca ficará no lugar, só viverá mudando de casa. Quando adulta, vai para outros lugares e nunca mais volta para o lugar onde morava. E, como o Guarani e Kaiowá não gostam que os filhos vivam longe deles, não é muito recomendado dar à criança essa carne.

Outra situação é o ovo, ao consumir, não pode dar a gema para a criança porque ela no futuro pode ter filhos só gêmeos. Para nós Kaiowá, quando as crianças são gêmeas, a criança nunca cresce, é raro crescer, sempre morre. Outro exemplo é consumir frutas que são duplas, tem bananas duplas, maçã dupla,

conhecido na nossa língua *inhãkõĩ*, quando elas são formadas juntas. Esse tipo de fruto, só a pessoa idosa pode comer, porque, se os novos comerem ou a criança comer, eles podem ter filhos gêmeos, nascer dupla no corpo, tudo junto. Para não acontecer isso nunca podemos dar essas coisas para crianças, qualquer fruta que seja dupla. Nós nunca podemos dar para a criança, ou mesmo nós, jovens e adultos, não podemos comer. Outro exemplo é a mandioca com farinha ou mandioca com milho ou fubá com farinha. Se a gente der para a criança, algum desses dois alimentos juntos para comer, elas podem querer casar com o cunhado, coisa que não pode acontecer entre nós Kaiowá.

Muitos desses alimentos, algumas pessoas consomem ou dão para seus filhos, mesmo sabendo que não podem. E isso tem efeitos na vida e organização das parentelas.

Outro caso são, como também, as frutas que nascem, espontaneamente, de forma natural, que não são plantadas, tipo melancia, que não é plantada, ou a abóbora, maxixe, quiabo, melão, *xá'ĩ*, abacaxi. A gente chama de *ijare*, isso quando a planta nasce sozinha, quando não é plantada por alguma pessoa, essas plantas não podem ser consumidas. Às vezes essas plantas são plantadas por pássaros, elas comem, e, levam as sementes, aí nascem espontaneamente- *ijare*. O que é bom para o consumo das crianças são as que são resultado do esforço humano, como as plantadas pelo pai ou pela mãe, na roça deles, o ideal é que a comida deve ser plantada, como nos deixaram de exemplo a seguir nosso *Nhanderu* e nossa *Nhandesy*, nossos primeiros pais.

Outra restrição alimentar é a carne de carneiro. Não pode dar para a criança a carne de carneiro, porque ela pode pegar alergia, coceira no corpo dela. Assim também, acontece se consumir os ovos de codorna e de ema. Nem ovo de passarinho, não pode quebrar ou comer, porque poderá sair tumor, por fora ou por dentro na criança. Até em adultos isso pode ocorrer. Por isso, é importante não dar esses ovos para as crianças. Assim é com todos os tipos de ovos, tem restrições para consumi-los muito sérias.

Até mesmo, com os ovos de galinha, temos que ter os cuidados. A gente não dá muito ovo de galinha para a criança, porque elas podem querer casar muito cedo, às vezes, com idade de 12 ou 14 anos. No nosso conhecimento, não podemos dar muito ovo de galinha para as crianças, para que isso não aconteça

na família. Mas, em algumas aldeias, isso tem acontecido muito. Os jovens estão se casando cedo, com menos idade ou até já têm filhos muito cedo.

Outra restrição que respeitamos é relacionada ao peixe. Alguns tipos de peixes, a criança não pode comer, porque às vezes, a criança acaba ficando agressiva com o pai ou a mãe, isso acontece, geralmente com o peixe pacu e a piranha. Esses são os tipos de peixes que não podem ser consumidos pela criança, porque se a criança comer ela pode ter essa agressividade, até na fase adulta. E, com certeza, as mães não gostariam que os filhos fossem assim, por isso não costumam dar esse tipo de peixe para as crianças.

Existem diversos tipos de comidas, ou espécies de carnes ou frutas que as crianças não podem comer. Os pais precisam priorizar o que é permitido comer pela criança ou aquele que eles conhecem a origem, ou é plantado na roça do pai ou da mãe, que conhece o que planta, isso que é mais adequado para ser consumido na família.

Outra restrição alimentar para as crianças é quanto ao uso do sal. Nunca deve ter muito sal na comida ou em alguma coisa que elas vão comer, porque no conhecimento dos Kaiowa sal faz mal ao dente, e, a saúde. Muita quantidade de sal na comida, a criança pode perder todos os dentes, não vai mais ter dentes bonitos, porque com dente assim, vai ter muita complicação e dificuldades para comer as comidas verdadeiras. Com esse problema com os dentes, elas vão levar isso até a fase adulta, ou até mesmo na velhice delas.

Da mesma forma é com o uso do açúcar, que não se deve ter muito, porque não sabemos o que ele pode causar para nossa cultura. Porque antigamente, ele nunca foi usado, porque não era consumido. Para adoçar sua *xixa* ou *kagwĩ* ou *xipa*, eles usavam mel ou melado de cana mesmo, para adoçar seu alimento. Por isso, muitas pessoas mais velhas da aldeia não sabem o que o açúcar pode causar na saúde das crianças indígenas. É muito novo para eles, ter esse conhecimento com relação ao uso do açúcar. Porque eles não precisavam usar açúcar, encontramos no mato formas de adoçar as nossas comidas.

Como no caso da tapioca, porque muitas vezes as crianças acabam comendo no atijamento. Na regra, só pode comer os velhos. Mas, hoje em dia, até as crianças podem comer. Bom, já sabemos também, o que pode dar à criança quando consumido.

Outro exemplo que podemos descrever é que não se pode comer carne do bicho do mato, como exemplo, o tamanduá. Não pode porque a criança pode ser muito preguiçosa, se comer. Outro tipo de carne, é a de tatu, a criança não pode consumir, Assim, como também a carne de capivara, a menina não pode comer, porque ela pode ter hemorragias no período da menstruação. A menstruação dela pode durar de 10 a 15 dias. Pelo mesmo motivo, não é aconselhado também comer carne de pombo, se comer, também pode ter a menstruação assim, com duração de muitos dias e, muito mais, do que deveria. Por isso, a menina não pode comer essas carnes desses dois animais, nem capivara e nem pombo.

Outra proibição é a carne de jacaré. Nenhuma criança pode comer carne de jacaré, porque ela pode se tornar uma pessoa muito fria, que nunca ligaria para os sentimentos. Mesmo que alguém da sua família morra, essa pessoa não choraria pela pessoa que às vezes é alguém da sua família que está ali morrendo. Nesse sentido, até a tartaruga (*karumbe*) não podemos dar para a criança para ter como bicho estimação dela. Porque ela pode se tornar uma pessoa assim, sem sentimento. Da mesma forma, não se deve comer.

3 AS MUDANÇAS NA ALIMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS KAIOWA NA ALDEIA PANAMBIZINHO OS NOVOS ALIMENTOS E OS CONHECIMENTOS PARA AS CRIANÇAS INDÍGENAS KAIOWA

Atualmente, as coisas mudaram muito na aldeia, relacionada com a alimentação das comunidades indígenas. E essas mudanças, não ocorrem apenas em uma aldeia, mas em vários outros lugares. Aspectos como, alimento, cultura, hábito, tradição, conhecimentos indígenas com alimentação das crianças indígenas não são mais como era antes, são muitas mudanças. Com essas mudanças, muitas crianças indígenas sofrem por causa da má alimentação que elas consomem no dia a dia delas.

Com essas mudanças, os filhos indígenas têm muita doença que, muitas vezes, os médicos não conhecem. É como se a doença fosse nova, mas para os indígenas, isso só acontece quando a mãe ou pai não alimenta bem seu filho, ou não faz a *hovasa* (benção) da comida do filho. Agora, está muito difícil as coisas na aldeia com a questão da alimentação e do sustento das famílias ou das crianças indígenas. Muitas vezes as pessoas não conhecem mais se aquela alimentação é

boa ou não, se pode comer, porque o pai não planta mais por falta de terra. Esta situação de dificuldade em produzir o próprio alimento é complexa, às vezes é por falta de espaço ou porque não tem semente para plantar na roça. Porque só quando é plantado, que seu filho pode saber a diferença de sua comida, saber diferenciar qual que é bom de comer ou qual não é próprio para o consumo.

Muitas vezes as famílias indígenas são obrigadas a comprar alimentos no mercado por necessidade ou comprar carne. Muitos não conhecem os nomes da carne porque na venda eles trocam os nomes da carne e isso complica tudo para os indígenas. Por exemplo, alguns tipos de bolo, qual ovo que vai neles, se tem gema ou não. E essas informações é praticamente impossível obter, sobre o que entra nos supermercados e fica à disposição dos consumidores indígenas. Assim como vamos saber qual alimento que damos para os nossos filhos? Da mesma forma, as frutas, também não sabemos de onde vem. Como essa fruta foi plantada? Sem saber a origem do alimento, os indígenas compram sem saber, para alimentar seus próprios filhos para não passar fome. Se eles plantassem e vendessem saberiam de onde veio as frutas que suas crianças vão comer, mas não é esta a nossa realidade.

Para Maciel, *et al.* (2021, s.p.):

A alimentação infantil ameríndia, em algumas etnias, baseia-se no aleitamento materno durante o primeiro ano de vida, que muitas vezes se prolonga até os três anos de idade, aproximadamente. A introdução de alimentos industrializados à dieta está relacionada ao número de adultos na família e ao nível socioeconômico, às condições ambientais de subsistência, e ao acesso aos centros urbanos. Uma recente revisão sistemática da literatura, que buscou investigar o estado nutricional e a alimentação de crianças indígenas da América (México, Peru, Estados Unidos, Brasil e Guiana), mostrou que mesmo antes dos seis meses o mingau de mandioca começa a ser oferecido de forma esporádica e que, gradativamente, incluem na alimentação da criança: o peixe e algumas frutas, o açúcar refinado, biscoitos e guloseimas em geral.

A situação de produção de alimentos, como já mencionado, não é algo simples. Não é porque os indígenas não querem plantar ou não sabem nada disso, não plantam ou não criam galinhas. É porque muitos indígenas têm suas próprias necessidades. Às vezes é por falta de terra ou falta recurso para limpar sua terra ou falta da semente. Por mais que alguns tenham um pequeno pedaço de terra

eles, eles não têm condições de plantar de tudo: arroz, feijão, batata, mandioca, abóbora, cana, abacaxi, *xa'ã*, mamão, banana, maracujá, poncã, goiaba, limão, etc.

As autoras que estudaram sobre a alimentação infantil indígena na Amazônia, informaram que “a população do estudo foi composta por 94 crianças, a maioria da etnia Katukina (48,9%) na cidade de Cruzeiro do Sul, seguido da Poyanawa (28,7%), Nukini (12,8%) e Nawa (9,6%), na cidade de Mâncio Lima” e, concluíram em seu estudo que:

Foi identificado que a alimentação das crianças indígenas é constituída por alimentos regionais e por produtos alimentícios ultraprocessados. Os alimentos de má qualidade nutricional e a pouca diversidade refletem a atual situação alimentar das crianças indígenas menores de 2 anos residentes nos municípios de Cruzeiro do Sul e Mâncio Lima no Acre. (MACIEL, *et al.*, 2021, s.p.).

São muitas as variedades de alimentos para serem plantadas, numa pequena terra, mesmo que seja consorciada, tudo junto, uma dessas plantas vai acabar morrendo, porque algumas plantas vão ser muito mais fortes do que outras. Assim ocorre também, para criar galinha ou porco ou outros animais de pequeno porte que podem ser consumidos, tem que ter um pouquinho de terra, um espaço suficiente. Algumas aldeias não tem como fazer isso, por falta de terra. A grande maioria das aldeias do povo Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul está nessas condições, o que reflete na saúde de nosso povo.

Toda essa situação acaba prejudicando a saúde dos indígenas e das crianças guarani e kaiowá por falta de alimento saudável. Muitas frutas são vendidas com veneno, e por isso quem as consome acaba ficando doente ou desnutrido. É toda uma realidade complicada esse problema de falta de terra nas aldeias ou da compra de alimento no mercado, porque a criança não conhece mais sua alimentação indígena e sua comida tradicional. Muitas vezes, a criança não sabe mais o que é o *mbaipy*, conhecido como polenta pelos não indígenas, mas, que eles fazem de outro jeito: coloca as coisas tudo junto. É preciso ter menos sal, menos gordura, assim é um alimento saudável. Muitas vezes, é consumido pelo kaiowá, porque ele é bom. A preparação do *mbaipy* foi ensinada por suas mães que passam para sua filha, assim de geração em geração.

Houve muitas mudanças com relação ao alimento dos Guarani e Kaiowa

das crianças na aldeia, porque os pais compram no mercado, para seu filho, a comida para comer, por falta de plantar as coisas ou comprar peixe, para que seus filhos vejam os peixes, que tipo de peixe é esse. Infelizmente, não tem mais rio para pescar e levar seu filho junto, para ver qual peixe que ele pescou, não é mais possível realizar esta prática. Antes era assim, os pais levavam seus filhos junto, para saber qual peixe que ele deveria pegar, para comer em casa. Agora o jeito é levar as crianças junto, no mercado, ou peixaria, para comprar e explicar para elas, qual peixe que é, falar o nome, se é bom para comer ou não, só assim elas vão saber o nome e as informações relacionadas à alimentação adequada, mesmo que seja a produzida pelo branco.

Porque, hoje em dia, só algumas crianças sabem qual é o alimento da aldeia ou comem o que vem da aldeia, a comida tradicional, verdadeira, ou mesmo ter o conhecimento sobre sua alimentação saudável. Muitos já comem mais comida que é vendida no mercado ou na lanchonete ou algumas gostam mais de chocolate, bala, biscoito, refrigerante, batata frita, pizza e doces que são vendidos no mercado. Às vezes, até sabe que aquele alimento vai fazer mal, mas ainda assim o consome.

Antigamente, as crianças quando queriam doce, a mãe ou pai, cortava cana e dava para o filho ou frutas como mamão, laranja, melancia. Isso era quando a criança queria doce. Porque ele não tinha dificuldade para acessar esses alimentos, porque a família tinha na roça dele, plantava para que as filhas ou os filhos pegassem na roça. Isso não era difícil, como também, em vez de dar leite para a criança, os pais davam *xixa* - como nós chamamos o suco de milho, dava tanto a noite com de dia, eles esquentavam essa *xixa* para dar para a criança, e, que nunca fazia mal, como às vezes ocorre com o leite. A *xixa* era consumida mesmo, pura, sem açúcar, porque o milho já tem seu açúcar próprio. Da mesma forma que é assar o peixe, não se usava sal, era assim que se consumia, ao natural, para que o dente da criança não ficasse feio.

Hoje os pais não tem mais esse cuidado porque eles não tem sua própria terra para tirar o sustento da terra deles, suas plantas. Não tem onde pescar nem onde caçar com seus filhos, enfim, não tem onde correr para dar comida saudável. O jeito é só observar, sem saber o que fazer, vendo seu filho, comer o que não é mais produzido na sua aldeia ou na sua terra. Às vezes, é chato você

ver um indígena comprar mandioca no mercado para comer em casa com seus filhos. Compram arroz, feijão, batata entre outras coisas. Muito não tem isso, por falta de terra ou espaço. Não é porque não quer plantar ou não sabe plantar. É por necessidade mesmo que se compra ou não, o jeito é consumir o que é oferecido no mercado. Compra para ensinar seus filhos a diferenciar os alimentos que muitas vezes, eles vão comer no futuro ou o que ele não vai comer. A situação é que o Guarani Kaiowa não planta na sua roça por falta de terra ou por espaço, sempre vai comprar no mercado. Mas também há famílias que não têm acesso a dinheiro e que ficam ainda mais dependentes dos alimentos dos brancos, que são entregues nas cestas básicas oferecidas pelo estado do Mato Grosso do Sul e pela FUNAI, não tendo condições de comprar alimentos para apresentá-los aos seus filhos, ficando estas crianças ainda mais vulneráveis aos males provocados pela alimentação inadequada.

Infelizmente, as pessoas que mais são afetadas com tudo isso, são as crianças, os filhos dos Guarani Kaiowa. Muitas vezes já deixam de conhecer sua tradição, seus hábitos de comer sua comida que é produzida na sua aldeia ou com sua família. É muito importante saber que aquele alimento é bom e saudável. Considero também educativo conhecer cada alimento, cada planta que a criança acompanhou daquela plantação feita em sua roça própria para depois consumir com sua família.

Enquanto muitos não têm terra ou espaço para plantar muito, onde o ideal seria muitos terem sua terra para plantar mesmo, e, produzir na sua roça os seus alimentos verdadeiros, poder plantar a comida de sua família. Muitas vezes, as pessoas esperam essa oportunidade para poder ter sua terra e plantar e sustentar seus filhos, seus netos e, para poder ter comida dentro de casa e dentro da família. Mas, todos tem problemas de falta de terra. O jeito é comprar e ensinar seus filhos para não comer, por exemplo banana dupla ou *pira proxy*, para não prejudicar as crianças da aldeia. É preciso fazer isso ao comprar, quando se pode comprar.

Muitos indígenas, mesmo com as piores dificuldades que se enfrentam nas aldeias guarani e kaiowá, continuam mantendo seus conhecimentos, seu costume para com seus filhos, porque sabem que o futuro deles vai ser prejudicado se não fizerem as restrições e dietas necessárias. Mas, algumas famílias não lutam mais- já sofreram muito nesta terra e estão cansadas. Com isso, já deixam de lado

os costumes e os conhecimentos. Muitas vezes, porque sabem que as coisas são caras, ou pra dar alguma coisa que os filhos desejam e assim os fazem felizes, mas geralmente é por necessidade mesmo ou por falta de alimento dentro de casa. Se tem oportunidade de comer ou ter, mesmo algo daquele alimento que não deveria a criança comer, acaba dando, porque sabe que não tem opções. A única opção é comer isso com seus filhos, que podem morrer de doença provocada pelo alimento do branco ou de fome, provocada pela escassez de nossas terras. Essas são as maiores dificuldades que todas as mães têm.

Como se isso já não fosse problema grave, algumas famílias têm sua terra grande mas, acabam cedendo ao arrendatário- pela pressão que sofrem dos fazendeiros sob suas terras. Na aldeia, para algumas pessoas, os arrendatários são bons e, para outros não. Assim, há brigas entre as famílias, e, o que muitas vezes acontece é a divisão das famílias, por dinheiro, por terra. E, isso é o que acaba também afetando a criança, que, muitas vezes, não tem comida para comer, pois em sua terra só tem planta do arrendatário que não pode ser utilizada como alimento. E ainda assim, o dinheiro que se ganha do arrendamento, às vezes é o único que entra na família, mas ele é pequeno e não sustenta as famílias por longos períodos.

Assim, por mais que as famílias tenham terra grande, não podem plantar, porque isso fica para o arrendatário. Com isso, a criança busca comida fora da sua aldeia para se manter. Isso porque a família não é mais unida para ensinar aos filhos ou sobrinhos que tem a falta de conhecimentos dos alimentos. Muitas vezes, essas pessoas não sabem ainda, porque, para algumas famílias, são bons esses arrendamentos na aldeia, porque acham que ajuda muito, mas não é. Isso porque envolve veneno, que muitas vezes é passado perto de casa, com aquele cheiro forte, algumas pessoas já se acostumaram com o cheiro, outros às vezes ainda reclamam. E eles atingem diretamente a saúde das pessoas, homens, mulheres, idosos e crianças. O veneno usado no arrendamento destrói os nossos alimentos verdadeiros plantados nas roças daqueles que ainda resistem ao arrendamento.

Figura 6 – Foto de área arrendada na Panambizinho



Fonte: Foto da autora.

Com o tempo, as coisas mudam, como os alimentos ou as plantações. Muitas crianças indígenas da aldeia não conhecem mais a comida indígena. Só algumas ainda têm conhecimentos da sua tradição. As crianças pouco sabem disso, porque as crianças da aldeia não saem mais com seu pai ou com sua família. Assim, não ensinam mais isso para as crianças e sozinho não se aprende nada. Só aprende quando é ensinado e assim saberá do valor do conhecimento das família, que são ensinados de geração em geração pelos próprios parentes. Por esses ensinamentos não podemos deixar de ter nossa cultura e nosso conhecimento e devemos ensinar os nossos filhos para que nenhuma criança tenha essa dificuldade.

Hoje em dia muitos indígenas dependem mais de político (doação de cesta básica), do governo e do estado. Isso é uma forma de sobrevivência e uma realidade em muitas aldeias. Como isso, muitos pais deixam seus filhos na aldeia com as mães para que ele consiga um trabalho ou “bico” para poder sustentar os filhos em casa. E fora de casa ele não consegue ensinar seu filho ou filha para se

alimentar de forma adequada, não conversa mais com criança por falta de tempo, pois passa a maior parte de sua vida sendo obrigado a trabalhar fora de sua aldeia para conseguir manter a alimentação e os cuidados de sua família.

Com esse problemas os filhos não comem ou bebem mais o alimento indígena sendo mais fácil a criança comprar no mercado do que querer saber de onde veio esse alimento, se pode fazer mal ou não. Assim, não perguntam mais, não tem mais interesse de saber nem perguntam para os mais velhos sobre os alimentos que são consumidos entre os vários alimentos dos kaiowa.

Desse modo, os jovens têm muita dificuldade de conhecer seus alimentos tradicionais, como por exemplo a cana, que antigamente se consumia em casa e todos conheciam. Hoje em dia a gente não vê mais esse alimento na aldeia e nem as crianças conhecem mais essa planta, só vêem quando é comprado. Algumas crianças nem querem mais a cana e preferem refrigerante e quando tem que escolher as duas coisas, caldo de cana ou refrigerante, a criança vai preferir o refrigerante, que é coisa que eles conhecem mais, pois acabam tendo mais acesso a bebida industrializada do que a produzida com produtos da roça kaiowa. Mas, se eles tivessem conhecido a cana como bebida tradicional, é lógico que eles iriam preferir o caldo de cana.

Assim também acontece com o amendoim que se consumia na roça, que tem o gosto doce e é diferente do que é vendido no mercado. O que é vendido no mercado só tem sal puro mesmo. A pamonha é outro exemplo, na aldeia as mulheres produziam só com o milho natural, já na cidade já a pamonha é produzida de outras maneiras.

Muitos jovens, muitas vezes, preferem mais comida do mercado ou da lanchonete do que as comidas indígenas. Isso é pior ainda quando as mães não fazem mais comida indígena dentro de casa e assim as coisas pioram mais ainda, porque no nosso conhecimento isso vem da família, sendo uma herança do conhecimento dos alimentos que nossa família passa para nós. É uma riqueza de nossa cultura.

Assim, isso depende de nós, se vamos continuar com isso ou a gente mesmo termina isso e aceita de vez a cultura alimentar do branco, se entrega para a cultura deles. Como somos mulheres, muitas vezes a gente aprende muita coisa com nossas mães para manter essa tradição da nossa família kaiowa, se nós mulheres não ensinarmos aos nossos filhos, isso vai acabar no futuro. Desse modo,

se a gente não plantar também as crianças não vão mais saber sobre a origem de seu alimento. As mulheres têm a missão do cuidado da vida, e é através dos nossos conhecimentos que vamos produzindo nossos parentes e nossas aldeias no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 7 – Yvyra marangatu- altar kaiowa



Fonte: Foto da autora.

Se nós, povo Kaiowa e Guarani, não fizermos nada, no futuro as crianças só vão saber nos livros o nome dos bichos do mato, dos alimentos verdadeiros. A única coisa que eles vão saber é só comprar alimento no mercado e isso se estiver dinheiro, porque algumas famílias não tem muito dinheiro para comprar as coisas. Da mesma forma será com as plantas, só vão saber os nomes das plantas se alguma pessoa contar, ensinar, se tiverem condições para cultivá-las.

O que mais importa para os Guarani e Kaiowa são os alimentos tradicionais. A minha avó dona Aparecida Mônica, de 83 anos, sempre falava para nós que Pa'i Chiquito, o *nhanderu*, falava que no dia que não se plantar mais ou se não tiver mais a comida tradicional para se oferecer, a gente vai desaparecer, porque ele disse que o grande Deus, dono das plantas, o *Jakaira*, dono do milho branco, ele sempre vem todos os anos para abençoar as plantas aqui na aldeia Panambizinho. As pessoas sempre fazem o *jerosy puku*, com eles entra todo tipo de comida que é feito de milho ou outras plantas, para serem abençoadas pelo *Jakaira*, o grande Deus da alimentação, protetor da roça, o primeiro de todos os alimentos, para serem preparadas as comidas, *avati mbixy*, *jety mbixy*, *xipa guasu*, *xipa tumbykwa*, e *hu'i*, que são feitos de milho branco. As mulheres preparam isso para que no dia da chegada do Deus, que as pessoas não vejam somente *Nhanderu*, mas que possam ver também o *Jakaira*.

As mulheres levantam cedo antes do sol nascer para colher as plantas e preparar as comidas, porque assim, o *Nhanderu* faz a reza para poder abençoar os alimentos para que nos outros anos possam nascer bem. Com o nascer do sol, o *Jakaira* vem para ver qual alimento que tem na frente da casa de reza que o *nhanderu* faz como uma oferenda. Só depois desse *jehovasa* da comida, a pessoa pode consumir, pois só então ele se torna um alimento verdadeiro. Todos comem, as crianças, adultos, os velhos, porque as pessoas já sabem que aquela comida já foi abençoada pelo Deus das plantas e está apropriada para ser consumida em conjunto pelas famílias.

Como agora, com o tempo, isso também não está acontecendo mais, essa tradição, aqui na aldeia, vem diminuindo. Algumas pessoas, ainda estão mantendo isso, esse conhecimento com seu alimento para família. Assim como a língua kaiowá, algumas famílias não ensinam mais seu filho na língua, como o alimento, algumas ainda ensinam seus filhos para não comer, por exemplo, coração de

galinha ou de boi ou de porco que não pode comer porque a criança quando adulta, ela acaba ficando muito medo de todos, isso afeta eles até envelhecer.

Ou comer outros miúdos de galinha que não pode comer ou comer as frutas que ainda não são muito maduras ou mesmo a banana frita que não pode comer porque no futuro os filhos deles podem nascer desnutridos ou com problema de saúde mesmo, como também as crianças não podem tomar tererê porque o *ji`y*, conhecido como arco íris entre nós indígenas, aprendemos com a fala dos *Nhanderu* que a gente dá para a criança a alma deles e esse *ji`y* pode levar a alma das criança que aos poucos ele pode ficar doente e até morrer, então esse tererê não é recomendado para as crianças.

Por isso, é importante manter os alimentos que fazem parte do conhecimento e da tradição, dos costumes e modos de viver e ensinar a nossa geração. Para a gente não acabar com os nossos conhecimentos, mesmo que seja difícil muito vez por falta de sua própria plantação ou falta de terra, com tudo isso que acontece, a pior dificuldade é essa parte que os pai não ensinam seus filhos sobre nossos saberes verdadeiros, eles já ensinam seu filho para parte de educação escolar, porque a gente sabe que quando a criança vai para a escola o que eles vão comer por lá. Muitas vezes, por não conhecer o alimento, a criança vai comer sem saber, se no caso os pais já ensinaram para não comer determinada comida que não é apropriada para as crianças, elas nem vão comer ou mesmo pegar porque sabem que ele não deve comer aquela comida ou fruta. O mais importante é saber diferenciar os alimentos ou frutas para que as crianças só possam comer o que conhecem muito.

As mulheres ensinam seus filhos muitas coisas em casa sobre alimentação, mas agora, hoje em dia, só algumas fazem isso porque esse questão para os Kaiowa não é mito sempre, é real.

Mas quando algum alimento falta na aldeia, as mulheres ou os pais das crianças kaiowa sempre vão comprar na cidade quando tiverem dinheiro para adquirir alguma coisa para ensinar ao seu filho dentro de casa, para que eles possam saber diferenciar sua alimentação quando estiverem longe de seus parentes. Algumas famílias ainda sonham em plantar suas roças de novo e ensinar seus filhos a manter seus próprios alimentos. Quando o *avati morotĩ*- o milho branco estiver plantado de novo, e se ele estiver nascendo, o *Jakaira*, o deus da

plantação, sempre vai abençoar cada alimento que será plantado, mesmo com pouco espaço que se tem dentro da aldeia, para que estes alimentos nasçam de novo nas próximas colheitas e se eternize no mundo através dos saberes das mulheres do povo Kaiowa e Guarani.

Figura 8 – Alimentos verdadeiros produzidos nas roças kaiowa



Foto da autora.

AGRADECIMENTO

Meu agradecimento especial a Banca deste TCC: Laura Jane Giislotti e Lauriene Seraguza pela contribuição para finalização deste trabalho. Agradeço

também a Juliana Mota e ao Levi Marques Pereira que contribuíram na elaboração do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso.

REFERÊNCIAS

MACIEL, Nely Aparecida. *História da Comunidade Kaiowá da aldeia Panambizinho (1920-2005)*. Dourados: UFGD editora, 2012.

MACIEL, Vanizia Barboza da Silva; COCA, Kelly Pereira; CASTRO, Lucíola Sant'Anna de; ABRÃO, Ana Cristina Freitas de Vilhena. Diversidade alimentar de crianças indígenas de dois municípios da Amazônia Ocidental brasileira. [Temas Livres]. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26 n. 7, 2 jul. 2021.

Sobre a autora:

Leide da Silva Pedro: indígena Kaiowá da terra Indígena Panambizinho, Dourados, MS. Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, Faculdade Intercultural Indígena/FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). **E-mail:** leidedasilvapedro@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-6230-0901>

Recebido em: 07/12/2021

Aprovado para publicação em: 07/12/2021

